# Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL. 12.2 / 2018





2018

Limite. Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

#### CONSEIO DE REDACCIÓN

Director - Juan M. Carrasco González: direccion@revistalimite.es

Secretaría – Maria Luísa Leal / Mª Jesús Fernández García: secretaria@revistalimite.es

#### VOCALES

Carmen Ma Comino Fernández de Cañete (Universidad de Extremadura)

Christine Zurbach (Universidade de Évora)

Julie M. Dahl (University of Wisconsin-Madison)

Luisa Trias Folch (Universidad de Granada)

Mª da Conceição Vaz Serra Pontes Cabrita (Universidad de Extremadura)

Iolanda Ogando (Universidad de Extremadura)

Salah J. Khan (Universidad de Extremadura)

Teresa Araújo (Universidade de Lisboa)

Teresa Nascimento (Universidade da Madeira)

#### COMITÉ CIENTÍFICO

Ana Luísa Vilela (Universidade de Évora)

Ana Maria Martinho (Universidade Nova de Lisboa)

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Antonio Sáez Delgado (Universidade de Évora)

Cristina Almeida Ribeiro (Universidade de Lisboa)

Dieter Messner (Universität Salzburg)

Gerardo Augusto Lorenzino (Temple University, Philadelphia)

Gilberto Mendonça Teles (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)

Hélio Alves (Universidade de Macau)

Isabel Leiria (Universidade de Lisboa)

Isabelle Moreels (Universidad de Extremadura)

Ivo Castro (Universidade de Lisboa)

José Augusto Cardoso Bernardes (Universidade de Coimbra)

José Camões (Universidade de Lisboa)

José Cândido Oliveira Martins (Universidade Católica Portuguesa – Braga)

José Muñoz Rivas (Universidad de Extremadura)

Maria Carlota Amaral Paixão Rosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Mª Filomena Candeias Gonçalves (Universidade de Évora)

Ma da Graça Sardinha (Universidade da Beira Interior)

Ma Graciete Besse (Université de Paris IV-La Sorbonne)

Maria Helena Araújo Carreira (Université de Paris 8)

Nuno Júdice (Universidade Nova de Lisboa)

Olga García García (Universidad de Extremadura)

Olívia Figueiredo (Universidade do Porto)

Otília Costa e Sousa (Instituto Politécnico de Lisboa)

Paulo Osório (Universidade da Beira Interior)

Xosé Henrique Costas González (Universidade de Vigo)

Xosé Manuel Dasilva (Universidade de Vigo)

#### EDICIÓN, SUSCRIPCIÓN E INTERCAMBIO

Servicio de Publicaciones, Universidad de Extremadura

Plz. Caldereros, 2. C.P. 10071 - Cáceres. Tíno. 927 257 041 / Fax: 927 257 046

http://www.unex.es/publicaciones - e-mail: publicac@unex.es

© Universidad de Extremadura y los autores. Todos los derechos reservados.

© Ilustración de la portada: Miguel Alba. Todos los derechos reservados.

Depósito legal: CC-973-09 . I.S.S.N.: 1888-4067

# Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

VOL.12.2 - Año 2018

Naufrágio e Literatura

Coordinación José Cândido de Oliveira Martins Maria Luísa Leal



# Bases de datos y sistemas de categorización donde está incluida la revista:

ISOC y DICE (Consejo Superior de Investigaciones Científicas), Dialnet, Latindex, CIRC (Clasificación Integrada de Revistas Científicas).



Juan M. Carrasco González, director de la revista, tiene el placer de anunciar que *Limite*. *Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía* ha sido aceptada para su indexación en el Emerging Sources Citation Index, la nueva edición de Web of Science. Los contenidos de este índice están siendo evaluados por Thomson Reuters para su inclusión en Science Citation Index Expanded™, Social Sciences Citation Index®, y Arts & Humanities Citation Index®. Web of Science se diferencia de otras bases de datos por la calidad y solidez del contenido que proporciona a los investigadores, autores, editores e instituciones. La inclusión de *Limite*. *Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía* en el Emerging Sources Citation Index pone de manifiesto la dedicación que estamos llevando a cabo para proporcionar a nuestra comunidad científica con los contenidos disponibles más importantes e influyentes.

# Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

Vol. 12.2. – 2018

## Naufragio y Literatura

## SUMARIO / SUMÁRIO

José Cândido de Oliveira Martins / Maria Luísa Leal –	0.17
Naufrágio e Literatura	9-17
José Manuel Herrero Massari – Mares simbólicos, mares trágicos, mares épicos y mares lamentosos: de Gilgamesh a	
Mendes Pinto	19-37
Carlos Jorge Figueiredo Jorge – Um Mito do Tráfico Marítimo	
e das Desventuras da Ambição. <i>O Navio Fantasma, ou o</i>	
Holandês Voador	39-66
Kioko Koiso – Naufrágio de Sepúlveda: uma sequência da	
transformação da história no decurso das edições	67-94
Angélica Madeira – Shipwreck narratives: between History	
and Literature. Reflections on História Trágico-Marítima	05 111
(Tragic-maritime History) <b>António Manuel de Andrade Moniz</b> – Ecos do Tema do	95-111
Naufrágio na Literatura Portuguesa	113-128
Isabel Soler – Un miserere para la soledad del náufrago	
isabel solel en miserere para la soledad del madriago	129-152
Testimonios / Testemunhos	
Testimonios / Testemunhos  Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua	155-162
,	
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua Fernando Dacosta – O rumor do mar	155-162 163-166
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua  Fernando Dacosta – O rumor do mar  Miguel Real – Naufrágios. O lado escuro da expansão	
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua Fernando Dacosta – O rumor do mar	163-166
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua  Fernando Dacosta – O rumor do mar  Miguel Real – Naufrágios. O lado escuro da expansão portuguesa  Varia	163-166
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua  Fernando Dacosta – O rumor do mar  Miguel Real – Naufrágios. O lado escuro da expansão portuguesa  Varia  Raquel Alonso Parada – Mudanzas de xénero no substantivo	163-166 167-172
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua  Fernando Dacosta – O rumor do mar  Miguel Real – Naufrágios. O lado escuro da expansão portuguesa  Varia  Raquel Alonso Parada – Mudanzas de xénero no substantivo na tradución galega da <i>General Estoria</i>	163-166
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua  Fernando Dacosta – O rumor do mar  Miguel Real – Naufrágios. O lado escuro da expansão portuguesa  Varia  Raquel Alonso Parada – Mudanzas de xénero no substantivo na tradución galega da <i>General Estoria</i> Sara Antoniazzi – "Que é feito de Jules Laforgue?" I tratti	163-166 167-172 175-193
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua  Fernando Dacosta – O rumor do mar  Miguel Real – Naufrágios. O lado escuro da expansão portuguesa  Varia  Raquel Alonso Parada – Mudanzas de xénero no substantivo na tradución galega da <i>General Estoria</i> Sara Antoniazzi – "Que é feito de Jules Laforgue?" I tratti laforguiani del <i>Livro do Desassossego</i>	163-166 167-172
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua  Fernando Dacosta – O rumor do mar  Miguel Real – Naufrágios. O lado escuro da expansão portuguesa  Varia  Raquel Alonso Parada – Mudanzas de xénero no substantivo na tradución galega da General Estoria  Sara Antoniazzi – "Que é feito de Jules Laforgue?" I tratti laforguiani del Livro do Desassossego  Ana Cristina Pereira Braz – Les stratégies discursives de	163-166 167-172 175-193 195-213
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua  Fernando Dacosta – O rumor do mar  Miguel Real – Naufrágios. O lado escuro da expansão portuguesa  Varia  Raquel Alonso Parada – Mudanzas de xénero no substantivo na tradución galega da General Estoria  Sara Antoniazzi – "Que é feito de Jules Laforgue?" I tratti laforguiani del Livro do Desassossego  Ana Cristina Pereira Braz – Les stratégies discursives de l'ironie dans le débat parlementaire portugais	163-166 167-172 175-193
Ana Margarida de Carvalho – Do meu mar vê-se a língua  Fernando Dacosta – O rumor do mar  Miguel Real – Naufrágios. O lado escuro da expansão portuguesa  Varia  Raquel Alonso Parada – Mudanzas de xénero no substantivo na tradución galega da General Estoria  Sara Antoniazzi – "Que é feito de Jules Laforgue?" I tratti laforguiani del Livro do Desassossego  Ana Cristina Pereira Braz – Les stratégies discursives de	163-166 167-172 175-193 195-213

### Reseñas / Recensões

Juan M. Carrasco González – Dolores Corbella, Alejandro	
Fajardo (Eds.), Español y portugués en contacto. Préstamos	
léxicos e interferencias, Berlin/Boston, Walter de Gruyter	
GmbH, col. Beihefte zur Zeitschrift für romanische	
Philologie, 2017, 430 pp.	261-265
Juan M. Carrasco González – Xosé Luis Regueira, Elisa	
Fernández Rei (Eds.), Estudos sobre o cambio lingüístico no	
galego actual, Santiago de Compostela, Consello da Cultura	
Galega, 2017, 326 pp.	265-270
Stefania Chiarelli – Angélica Madeira, Livro dos naufrágios –	
ensaio sobre a história trágico-marítima. Brasília, Editora	
Universidade de Brasília, 2005, 396 pp.	270-272
Xosé Manuel Dasilva – Luís de Camões, Los Lusiadas	
(Selección), Madrid, Ediciones Rialp, 2017, 109 pp.	
Introducción, traducción y notas de Rafael Gómez Pérez.	272-275
Maria Graciete Besse – Uma prática da <i>Relação</i> :	
Archipelagos-Passagens, de Amélia Muge e Michales	
Loukovikas, Peripluis, 2018, CD- Álbum.	276-283
Normas de publicación / Normas de publicação	285-290

# Revista de Estudios Portugueses y de la Lusofonía

## Vol. 12.2 – 2018

## Shipwreck and Literature

### **SUMMARY**

José Cândido de Oliveira Martins / Maria Luísa Leal –	
Shipwreck and Literature	9-17
José Manuel Herrero Massari – Simbolic Seas, Tragic Seas,	
Epic Seas, and Woeful Seas: from Gilgamesh to Mendes Pinto	19-37
Carlos Jorge Figueiredo Jorge – A Myth of Maritime Traffic and	
the Misadventures of Ambition. The Phantom Ship or the	
Flying Dutchman	39-66
Kioko Koiso – Sepúlveda shipwreck: a sequence of the story	
changing through the editions	67-94
Angélica Madeira – Shipwreck narratives: between History	
and Literature. Reflections on História Trágico-Marítima	
(Tragic-maritime History)	95-111
António Manuel de Andrade Moniz – Echoes of the Shipwreck	
Accounts in the Portuguese Literature	113-128
Isabel Soler – A Miserere to the castaway's solitude	129-152
Reflections	
Ana Margarida de Carvalho – From my sea you can see the	
language	155-162
Fernando Dacosta – The rumor of the sea	163-166
Miguel Real – Shipwrecks. The dark side of overseas expansion	167-172
Varia	
Raquel Alonso Parada – Changes of gender in the substantive	
in the Galician translation of the General Estoria	175-193
Sara Antoniazzi – "Que é feito de Jules Laforgue?" The	
Laforguian traits in Livro do Desassossego	195-213
Ana Cristina Pereira Braz - Irony's discoursive strategies in	
Portuguese parliamentary debate	215-239
Augusto Lorenzino – Family ties, dwelling and mobility in the	
development of Barranquenho	241-258

### **Book Reviews**

Juan M. Carrasco González – Dolores Corbella, Alejandro	
Fajardo (Eds.), Español y portugués en contacto. Préstamos	
léxicos e interferencias, Berlin/Boston, Walter de Gruyter	
GmbH, col. Beihefte zur Zeitschrift für romanische	
Philologie, 2017, 430 pp.	261-265
Juan M. Carrasco González – Xosé Luis Regueira, Elisa	
Fernández Rei (Eds.), Estudos sobre o cambio lingüístico no	
galego actual, Santiago de Compostela, Consello da Cultura	
Galega, 2017, 326 pp.	265-270
Stefania Chiarelli – Angélica Madeira, Livro dos naufrágios –	
ensaio sobre a história trágico-marítima. Brasília, Editora	
Universidade de Brasília, 2005, 396 pp.	270-272
Xosé Manuel Dasilva – Luís de Camões, Los Lusiadas	270-272
•	
(Selección), Madrid, Ediciones Rialp, 2017, 109 pp.	272 275
Introducción, traducción y notas de Rafael Gómez Pérez.	272-275
Maria Graciete Besse – Uma prática da Relação: Archipelagos	
- Passagens, de Amélia Muge e Michales Loukovikas,	
Peripluis, 2018, CD- Álbum.	276-283
Standards of publication	285-290

capelães que orquestram novenas a Nossa Senhora, damas da corte, aias, crianças.

A estrutura dos relatos, de acordo com a autora, é dividida em três momentos distintos que seguem a ordem cronológica dos eventos – partida, naufrágio e perdição. Imagens de indivíduos à deriva, entregues aos perigos do mar e da catástrofe iminentes são recorrentes. A afinidade desses escritos com a estética barroca constitui uma das principais contribuições do ensaio, pois a autora entrevê no relato do naufrágio um exemplar precoce da prosa barroca, desvendando a gramática da alegoria dos textos como estilo de pensar e de escrever: "Que época foi aquela que viu surgir conjunto tão singular de narrativas?", indaga. Essa literatura da morte e do medo prenuncia uma forma de sensibilidade trágica que será predominante durante a vigência do barroco, cujo conteúdo mais geral é o próprio triunfo da morte, marcado por imagens de caveiras e esqueletos.

A última parte do volume se dedica ao encontro dos portugueses com o Outro. As relações de alteridade presentes nas narrativas de naufrágio apresentam momentos em que os portugueses, à maneira de etnógrafos, catalogam costumes diferentes, plantas e animais tidos como raros. O olhar, entretanto, é sempre do colonizador, marcado pelo desejo de inventariar possíveis riquezas e futuros negócios.

Angélica Madeira, cuja formação inclui a semiótica, a sociologia e a literatura, tem outras obras dedicadas à cultura brasileira, incluindo a música, a literatura e as artes visuais. Daí a perspectiva transdisciplinar da pesquisa, em que a sociologia histórica, a teoria literária e a etnografia comparecem. Apesar de esmiuçar textos antigos, a pesquisadora não se detém no passado, mas projeta sua análise ancorada no presente. Alude à metáfora da vida como naufrágio e à condição do sujeito como sobrevivente, em um tempo em que novas ameaças amedrontam a humanidade: "Desastres de cada época estão diretamente ligados a práticas sociais e atuam como informantes sobre os riscos que uma sociedade pode correr", alerta.

E o volume em questão traça admirável percurso para que o leitor persiga essa investigação, pautada pelo rigor intelectual de uma escrita marcada pela delicadeza no mapear das imagens e pela fluidez narrativa. Como na seguinte passagem, em que a autora chama a atenção para o que chama de infinitização do mundo: "o teto do

barco é o próprio céu, continuamente mutante em sua luz, sua cor, além do volume e da densidade das nuvens" (p. 65).

Sermos espectadores de calamidades ocorridas em outro país é uma experiência moderna essencial, já alertou Susan Sontag. No dramático tempo presente, a relação entre alteridade e espaço marítimo ainda navega conjuntamente no imaginário coletivo. Rodeados pelo mar e suas representações, seguimos perplexos procurando entender o nosso tempo a partir de projeções de um passado que não cessa nunca de produzir sentidos. Náufragos também, porque sobreviventes de um tempo penoso para a humanidade, em que indígenas, migrantes, refugiados e sujeitos deslocados à força sucumbiram (e ainda sucumbem) nessa estrada líquida. Faz-se necessário, hoje, mergulhar na experiência da escuta desses ruídos e vozes que vem do mar, pensando nas ressonâncias arcaicas desse imaginário marítimo. Essa é tarefa ética que se impõe.

Luís de Camões, Los Lusiadas (Selección), Madrid, Ediciones Rialp, 2017, 109 pp. Introducción, traducción y notas de Rafael Gómez Pérez.

Xosé Manuel Dasilva Universidade de Vigo jdasilva@uvigo.es

Estamos ante una nueva versión de *Os Lusíadas*, lo que confirma de modo indiscutible que, como no podía dejar de suceder, la epopeya camoniana es uno de los títulos de la literatura portuguesa con mayor presencia en el ámbito español, si no directamente el más difundido. Dicha fortuna editorial está respaldada por un número considerable de retraducciones y de reediciones que han visto la luz a través de más de cuatro siglos, desde que en 1580 salieron de la imprenta aquellas dos entregas inaugurales de Benito Caldera y Luis Gómez de Tapia, respectivamente en Alcalá de Henares y Salamanca, en coincidencia no por azar con el inicio de la llamada *União ibérica*. Nos referimos, primeramente, a retraducciones en el sentido de versiones continuadas de un texto, ya trasladado a esa misma lengua, ofrecidas a los lectores. Y hablamos de reediciones, en segundo lugar, en lo relativo a todas las veces que una versión ha sido publicada.

Las retraducciones españolas de *Os Lusíadas* tuvieron principio, como es bien sabido, en el siglo XVI, con la versión de Enrique Garcés, y se sucedieron a un ritmo estimable, si contamos las que se perdieron, hasta 1640, altura en la que Portugal precisamente recuperó su independencia. Es cierto que se produjo un prolongado interludio, no difícil de comprender desde un ángulo político, hasta 1818, cuando apareció la edición de Lamberto Gil, que tiene cronológicamente un carácter aislado. Sin embargo, las retraducciones del poema épico volvieron a aflorar en una segunda etapa, hacia finales del siglo XIX, de una forma que tampoco resultaría complejo elucidar en términos ideológicos, en el tercer centenario de la publicación del poema y de la muerte del escritor. Por último, durante los siglos XX y XXI surgieron más retraducciones, de acuerdo con una dinámica que, por lo que se puede comprobar, no se prevé que vaya a cesar.

En lo que concierne, por otro lado, a las reediciones españolas de *Os Lusíadas*, es necesario poner de relieve que bastantes versiones consiguieron el mérito de llegar al público en épocas diferentes. Ocurre, por ejemplo, con las traducciones de Benito Caldera, Luis Gómez de Tapia y Enrique Garcés, todas ellas impresas repetidamente en el siglo XX. Más aún, se debe resaltar que la primera incluso fue otra vez estampada no hace mucho tiempo. Con todo, es innegable que algunas versiones han tenido más éxito que las demás, por causas no siempre fácilmente explicables teniendo en cuenta una única circunstancia. Así, corresponde asegurar que una de las editadas en más oportunidades ha sido la de Lamberto Gil. Por otra parte, hay que recordar la versión en prosa de Manuel Aranda y San Juan, que data de 1874, en medida análoga sumamente divulgada.

No es esta la ocasión adecuada para profundizar en los múltiples factores que dan lugar, por lo común, a que se tome la decisión, con respecto a una obra consagrada, de emprender una retraducción o, por el contrario, de volver a editar una versión existente. En el caso concreto ante el que nos encontramos, se constata claramente que se ha optado por la primera posibilidad. En efecto, se trata de una retraducción más de *Os Lusíadas*, incluida en una colección denominada "Selección Doce Uvas", del conocido sello Rialp, donde figuran destacados autores grecolatinos –Aristóteles, Cicerón, Séneca–, europeos –Shakespeare, Racine, Rilke, Stevenson– y particularmente españoles –Cervantes, Lope de Vega. Esta

circunstancia ratifica, sin duda, la condición canónica conferida a Camões en el escenario literario universal.

La edición tiene como responsable a Rafael Gómez Pérez, quien ha llevado a cabo la traducción, la cual, debe advertirse desde el primer instante, no es completa sino fragmentaria. Es decir, en sus páginas no se suministra el texto en español de las más de mil cien octavas reales de *Os Lusíadas*. De manera opuesta, el formato elegido combina, alternadamente, la reproducción de una cantidad limitada de estrofas y un resumen en prosa de los versos restantes. Tal diseño editorial es lo que fundamenta el hecho de que se haya apostado por una retraducción. No se localiza en el variado catálogo de versiones españolas de *Os Lusíadas*, a decir verdad, una fórmula traductora semejante, por lo que la novedad queda patente.

La edición incorpora una breve introducción, constituida por dos epígrafes, en la que se busca proporcionar algunas informaciones esenciales sobre el autor y el texto. El primer epígrafe, titulado "Vida de Camoens" –el nombre consta así, castellanizado, a lo largo de este paratexto–, se nos antoja profuso en detalles para lo que documentadamente se sabe de la biografía del poeta. No dejan de aparecer los tintes legendarios más habituales en lo que atañe al devenir vital del poeta, reiterándose la aureola mítica tan propalada. Se presta cuidadosa atención, naturalmente, a sus peripecias sentimentales, en las que se atribuye el papel de "gran pasión", conforme se dice, a Catarina de Ataíde, dama de la reina Catalina de Austria. Tampoco podía estar ausente el comentario consabido sobre el fabuloso robo del *Parnaso* que supuestamente sufrió Camões, con plena certeza jamás acreditado, repertorio donde estarían agrupadas sus poesías líricas.

En este epígrafe se insiste con énfasis en las desgracias y calamidades del vate, probablemente como estrategia para seducir a la audiencia y atraerla hacia la lectura del poema. Es por esa razón por lo que al final del mismo llama la atención forzosamente esta aseveración, sorprendente visto todo lo anterior: "En realidad, se conoce poco de la vida de Camões". Esto no obsta, en absoluto, a que se ponga remate al apartado con la siguiente valoración en tono concluyente acerca de la vida del escritor: "Fue sobre todo soldado y poeta –como Garcilaso de la Vega–, pero también aspirante a cortesano, vividor y enamoradizo, con una notable tendencia a enfrascarse en líos".